



N.º 140

Sinais particulares

Altura _____
 Cor _____
 Nacionalidade _____

Nome e alcunha *Mário dos Santos Castelhana*

Estado *casado* Profissão *Empregado de escritório*

Naturalidade *Lisboa* Data do nascimento *31/5/1896*

Filiação *José Maria Castelhana e Maria dos Prazeres Castelhana*

Residência *Rua da Senhora da Glória nº 18 a Graça 187*

Outras indicações _____

Numero do processo de valores ou documentos apreendidos *Faleceu*

BIOGRAFIA PRISIONAL

Proc.º 9.º 1011 - Preso em 14/11/1934. Em agosto de 1933 esteve em férias preparando a greve geral revolucionária a que se viu implicado num fabrick de bombas, para serem utilizadas nos acontecimentos de 18/11/1934. Condenado pelo Tribunal de 1.ª Inst. em 10 anos de degredo nas Colónias. Foi-lhe dada multa de 20.000\$00 e fica entregue ao Governo. Em 29/9/34, seguiu para Angola de Ilhéus. Transferido para Cabo Verde em 12-10-36. Em 12-x-1940 pela 1.ª vez faleceu na Colónia Semal de Cabo Verde (e.s. 1942)

Mod. 194

Mário dos Santos Castelhana (Lisboa, 31-05-1896 - Tarrafal, Ilha de Santiago, Cabo Verde, 12-10-1940)

Líder histórico do movimento anarcossindicalista, Mário Castelhana nasceu em Lisboa. Começou a trabalhar aos 14 anos na Companhia Portuguesa dos Caminhos-de-Ferro (CP), tendo ascendido mais tarde a empregado de escritório. O ativismo e o envolvimento direto em inúmeras lutas operárias e sindicais levariam a que fosse despedido. Presente nas greves dos ferroviários de 1911, 1918 e 1920, foi também dirigente sindical na CP, no Sindicato dos Ferroviários de Lisboa e vários sindicatos da Confederação Geral do Trabalho (CGT) e dirigiu os jornais *A Federação Ferroviária*, *O Ferroviário* e *O Rápido*. Pertenceu à comissão organizadora do I Congresso Ferroviário de junho de 1922 e à comissão executiva da Federação Ferroviária com o pelouro das relações internacionais. Participou, como delegado da Federação Ferroviária, no congresso nacional operário realizado na Covilhã em 1922 e esteve na reorganização do Conselho Confederal da CGT no verão de 1926, tornando-se Secretário-geral e redator principal do seu órgão, *A Batalha*.

Após a revolta falhada de fevereiro de 1927 a CGT foi ilegalizada, o jornal *A Batalha* assaltado e Mário Castelhana, já em outubro, preso e

deportado para Angola, onde permaneceu dois anos. Em setembro de 1930 foi transferido para os Açores e em abril de 1931 seguiu para a ilha da Madeira, onde logrou dar apoio à revolta contra a ditadura militar que ali se desencadeara. Falhado este movimento revolucionário, Castelhana conseguiu organizar a fuga para Lisboa, embarcando clandestinamente no porão do navio Niassa. Em 1933 voltou a ser o principal responsável da CGT e, nesta qualidade, organizou a revolta de 18 de janeiro de 1934 na Marinha Grande. No entanto, foi preso no dia 14 e colocado no Presídio Militar da Trafaria, acusado de ter estado envolvido na preparação da greve geral revolucionária em Sines e no fabrico de armas para a revolta na Marinha Grande. Condenado, em 8 de março de 1934, pelo Tribunal Militar Especial a dezasseis anos de degredo nas colónias com prisão e multa de 20.000\$00, ficou entregue ao Governo. A 8 de setembro de 1934 seguiu para a Fortaleza de Angra do Heroísmo, nos Açores. Dois anos depois, em outubro de 1936, foi transferido para o Campo de Concentração do Tarrafal em Cabo Verde. Neste campo participou em várias lutas dos presos por melhores condições e desenvolveu importante atividade cultural, reflexiva e pedagógica. Morreu em 1940 vítima de febre intestinal, agravada pela constante falta de assistência médica e medicamentosa, bem como pelas paupérrimas condições de higiene do Campo de Concentração do Tarrafal.